

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Director — F. M. Raposo d' Almeida.

Vol. I.

DOMINGO, 24 DE AGOSTO DE 1856.

N. 36.

PARTE LITTERARIA

O credito publico.

Castoso é decidir, se menos sizo
Tem quem escreve mal, ou quem mal julga,
Mas antes uns de tedio nos consumam
Que os outros o juizo nos estraguem!!

POPE.

Estamos em uma quadra, excepcional a tudo quanto é progresso.

A natureza de uns, talvez *espíritos fortes*, explicam o progresso, como a fonte d'onde dimanam inexauríveis bens e prosperidades para a sociedade; e então representam-o pelas *companheiras* mui numerosas de *credito publico*.

Na accumulção de beneficios que resultam segundo esses, do enthusiasmo, com que o espirito de associação se reproduz, a pilula dourada é applicada com um estoicismo inabalável, aos que não podem presumir outros bens, outras vantagens, outra fortuna social, senão a que produz a agglomeração de capitães fluctuantes, reduzidos por uma industria toda especulativa, a um calculo de conveniências perduráveis, com as quaes invadindo todas as theorias proclamam o triumpho de suas idéas e figuram o progresso pela somma das cifras.

Para outros, porém, diversa, senão explicita é a maneira porque modelam suas convicções.

Os d'este genero senão são *espíritos fortes*, ao menos seguem o exclusivismo das idéas da época, e offuscados com os raios luminosos da razão, que é a intelligencia em alta escala, proclamam que só á cultura do espirito humano se póde dever a existencia real do progresso em toda a sua plenitude.

Em todo o caso é do eclectismo das idéas que se constitue com suas maximas a boa sociabilidade, e será de seu predominio que nascerá o verdadeiro credito publico de um povo que por sua civilização, ainda não desmentio as esperanças de todo o seu futuro.

Ao dizermos porém que a quadra era excepcional a tudo quanto era progresso, não o fizemos para excluí-lo, não: que isso seria não avaliar bem o paiz, mas quizemos, pela excepção mostrar que além e muito além já ia e marchava o que na restricta accepção da palavra nem se poderia chamar progresso, deixando aqui ao bom senso, substituir por um outro termo, que melhor se coadunasse a esta época não de mas do ouro.

E com effeito, quando nos achamos em um seculo, que se ressenste, sobretudo entre nós, não diremos do abandono, porque ha crenças que tem seus apostolos; mas do lethargo em que parece achar-se a razão e a phylosophia que por seu turno tanto se ufanarão já de concorrerem para grandes progressos, quando á cultura dos bons talentos se póde ainda dever tantos beneficios em favor das letras e assim em honra da illustração pela qual se aquilata a indole da civilização do povo; quando ao cultivo da intelligencia humana restam tantos trabalhos importantes dos quaes, vantagens reaes se podem e devem obter para a educação intellectual, bem como physica e moral; quando á força de exemplos se vê que nada vale o homem ignorante; quando das observações da experiencia resulta que só pelo baptismo da instrucção se regeneram os povos e se caracterizam seus usos e costumes, sua natureza e civilização, seus progressos emfim; porque, a par da industria base solida da riqueza das nações, não havemos de collocar a intelligencia, e procurar tambem todas as garantias em seu favor, restaurando-a por meio do credito publico do jornalismo, que hade ser sempre o thermometro civilizador, e que despertado pelos estímulos da soberania e grandeza do poder da imprensa, deve levantar crusada contra esse scepticismo, que invade todos os poros da sociedade e a tem materialisado com todos os vícios do egoísmo e da indifferença pelas cousas uteis, agradáveis e proficuas ao espirito humano?

« O favor com que mais se accende o engenho
Não o dá a patria, não, que está mettida
No goso da cubiça e da rudeza »

E não se diga que o grande peccado d'este seculo é a materia, e não se represente a moralisação do povo encarnada na vida especulativa, e não se ouse arriscar uma palavra n'este desvairado tumultuar de luxo e de interesses doirados, e não se cure do mal que tem seccado toda a seiva de razão e utilidade social!

Para que pois estancar todos os recursos do progresso intellectual não aproveitando a fertilidade dos homens do estudo? Para que deixal-os apezar de suas locubrações, exhaustos de meios com os quaes podessem tambem obter um lugar no grande banquete social, elles, cujas acções não tem *credito publico*, mas para os quaes ha o thesouro inexgotavel do saber, ha a avidez dos conhecimentos uteis, ha a segurança de um capital mais real que se não escôa, que não póde ser tranzitorio, e que se não arreceia de *banca rota*?

Não sejamos nós os descrentes, e confiemos

hoje, para alcançar amanhã; esperando que dos revezes d'esta epidemia geral do progresso material, se erga, ainda que débil, a voz da razão, para fazer justiça áquelles que por sua vez muito podem concorrer para o melhoramento social, estabelecendo a mutualidade como justo meio, para chegar-se ao engrandecimento de um progresso mais real e duradouro do que esse que é hoje apregoiado pelas turbas contaminadas pela voracidade e sordidez do *credito publico*, cadaver galvanizado pela vida especulativa e ao mesmo tempo improductiva para este paiz ainda novo e de um grande futuro.

B. D. P.

PARTE NOTICIOSA.

Correspondencia de Londres.

CARTA VIII.

A destruição, pelo incendio, do theatro real de Covent Garden, tão conhecido em toda a Europa, pelas lembranças que d'elle levam os viajantes, e pela escolha que presidia á admissão dos seus actores, é um acontecimento importante, pela sua natureza, e digno de se publicar por toda a parte onde houver gosto artistico e amor á poesia lyrica, e por isso ainda juntarei algumas palavras ao quadro que ha pouco vos tracei. O incendio que rebentou em Covent Garden fez uma dolorosa impressão em todos os animos: as pessoas reaes o lamentaram infinitamente. A rainha Victoria quiz ir visitar as tristes ruínas ainda fumegantes, e honrar com a sua real presença os restos d'um theatro, que tanta diversão offereceu á boa sociedade britannica. O empresario do theatro, Mr. Gye, chegou aqui de Paris no dia 6 do corrente, e logo se dirigio ao lugar onde tinha havido o desastrado incendio, cuidando com a maior energia em conservar o que era possivel salvar-se para que o publico fique persuadido de que tornará a possuir um theatro lyrico. Estava Mr. Gye dando as suas ordens, e inspeccionando tudo com a maior attenção, quando lhe vieram dizer, que S. Magestade tencionava ir ver as ruínas; logo o activo empresario deu as necessarias ordens para o recebimento de tão augusta personagem; e quando eram trez horas e meia chegou a rainha Victoria, apeando-se n'quella mesma porta pela qual tinha tantas vezes d'antes entrado com animo bem diverso. Foi então Mr. Gye fazer as honras funebres da casa incendiada; e conduziu Sua Magestade por cima de taboas que se haviam posto sobre brazas, até ás ruínas collossaes do amphitheatro, aonde se viam amontoados restos de grandes preciosidades artisticas perdidas.

A rainha Victoria encostou uma de suas mãos ao braço de Mr. Gye e lhe dirigio expressões altamente benevolas, manifestando-lhe o pesar que tinha ao presenciar aquella scena afflictiva, e lhe fez merecidos elogios pelo ardor incançavel com que Mr. Gye procurou elevar o drama lyrico ao predicamento a que ultimamente tem chegado n'este paiz. O principe Alberto tambem foi mais tarde, e conduzido egualmente por Mr. Gye examinou as ruínas de Covent Garden.

O defuncto bispo de Carlisle, de cuja morte dei noticia, foi substituido no bispado pelo muito reverendo Montague Villies, irmão do conde de Clarendon.

Noticias de Roma dizem que se fall'a alli muito d'um projecto de caminho de ferro entre aquella cidade, e Civita-Vecchia. Parece que o duque de Rianzares se acha disposto a requerer do governo pontificio a concessão para elle emprender á sua custa aquella linha ferrea, cuja importancia total se calcula em trez milhões de corôas romanas. O duque é poderoso e tem os meios necessarios para levar a cabo aquella obra. Este mesmo duque de Rianzares é pai da princeza de Drago. O mesmo correspondente afirma que o Papa mostra desejos de dar impulso á navegação, pois foi passar alguns dias no sitio de *Ripa grande*, para examinar uns vapores que alli se estão a concertar, e que tambem pedio ao celebre marquez de Spinole, que o auxiliasse com os seus conselhos para o desenvolvimento que se propõe dar á marinha de Roma.

Na ultima sessão da *Associação britannica*, que teve lugar em Plosgon, foi apresentado uma nova variedade do *bagre electrico* dos rios d'Africa. Tinha sido enviado das costas do Berino. Este peixe (*malapterurus Bemensis*, ou *silurus electricus*, é o que chamamos em portuguez *bagre*: é o maior dos peixes d'agua doce. Esta variedade possui propriedades electricas parecidas com as da *tremelga*, ou *arraia torpedo*, e é empregada pelos africanos, segundo affirmou M. Thomson á Associação, na cura de crianças doentes. O processo de que se serve é simples; umas vezes deitam o peixe n'uma vasilha d'agua, e deixam a criança brincar com elle, outras vezes mettem a criança n'uma tinasinha cheia d'agua, e lançam-lhe dentro alguns dos referidos peixes. E' na verdade cousa admiravel o ver que alguns selvagens negros empregam a electricidade como remedio, desde tempos remotos, ao passo que a civilização mal descobrio e conhece ainda os seus usos therapeuticos. M. Thomson querendo mostrar á Associação o poder que tinha o peixe referido, conta que tinha uma garça domesticada,

a qual por ter sido apanhada de pequena, não sabe procurar e conhecer o sustento que lhe convinha; era necessario ministrar-lho, e por isso lhe davam peixinhos. Succedeu um dia que entre outros peixes ia um bagre, que a garça engoliu sem desconfiança; mas apenas o tinha engolido deu um grande grito, e cahio para traz. Levantou-se immediatamente, porém d'alli em diante nunca foi possível fazer-lhe comer um bagre! O bagre electrico tem geralmente um corpo de vinte pollegadas de comprimento, é cinzento, malhado ao pé da cauda. A maior parte d'estes peixes habitam nas aguas doces, teem o estomago largo, os intestinos compridos, e o figado muito pequeno: a cabeça costuma ser grande, a guela rasgada, os queixos guarnecidos de dentes pequenos e a lingua liza: o numero dos raios da membrana dos ouvidos varia entre quatro e deseseis; os primeiros raios tanto do peito como do rosto são espinhosos e denteados; mas não tem agulhão dorsal como os bagres cinzentos do Brazil.

As sessões do Instituto Archeologico de Londres, sessões sempre aridas, pelos objectos que se n'ellas tratam, ultimamente tem sido curiosas. A archeologia tambem ás vezes inspira interesse aos profanos, isto é, áquelles que não rendem cultos ás suas cãs, e á sua poeira; porque os trabalhos archeologicos são quasi o mesmo que os trabalhos de minas, consistem em escavações, feitas não pela terra endurecida, mas pelo pó tenue e solto das livrarias: eis-aqui o motivo porque os archeologos quasi todos morrem de phthisica pulmonar; absorvem poeira são companheiros da traça, e das aranhas. Todavia ha fanaticos pela archeologia, fanaticos que passam a vida a examinar manuscritos, a decifrar diplomas, a cheirar codices, a desenferrujar medalhas, e a ler caracteres ilegíveis, dando muitas vezes interpretações, que fariam rir as mesmas medalhas interpretadas, se ellas tivessem dentes que mostrar, e fossem coevas de Democrito.

Os inglezes são dados á archeologia, que vae fazendo proselytos entre outros povos septentrionaes. Hoje investigam-se aqui zelosamente antigualhas preciosas; e a dizer a verdade, consegue-se por este meio illustrar muitos pontos dividosos da historia e sciencias antigas.

Tornando ás sessões do instituto a que me referi, disse eu que estas ultimas não teem sido desituidas de interesse; pelo menos assim o affirmam os entendidos da materia, e é por elles que eu sempre formulo a minha opinião, principalmente em assumptos de que poucos conhecimentos posso alcançar.

A primeira communicação importante que recebeu o instituto, foi feita pelo presidente, o qual informou que a academia real da Escocia se propunha ajuntar uma collecção de retratos, para serem collocados nas gallerias que o governo tinha mandado addicionar á galleria nacional de Edinburg.

Os membros do instituio ouvindo tal ficaram summamente satisfeitos em nome da sciencia, e fizeram votos para que se realisasse aquella determinação do conselho da academia.

Depois o excellentissimo Ricard Neville apresentou os ultimos resultados das suas pesquisas feitas em Chesterford. Um d'aquelles resultados foi o ter achado um grande cemiterio romano, do qual o illustre investigador espera desenterrar valiosos esclarecimentos sobre os usos funeraes dos romanos. Depois d'aquella sepulchral noticia, leu-se uma memoria ácerca das tapeçarias da sala de Santa Maria, em Conventry. O auctor da memoria é M. G. Scharf, que denunciou as tapeçarias alludidas como obra d'artistas flammengos, que viveram no XV ou XVI seculo. Os referidos pannos de raz teem personagens, cuja identidade ainda não foi reconhecida: suppõe-se todavia que está alli representado o rei Henrique, rodeado de cortesões entre os quaes se notam o Cardeal de Beauford, o duque de Gloucester, e outras pessoas distinctas d'aquelle tempo.

Seguiu-se áquella o reverendo U. Gunner, archeologo famigerado e que apresentou alguns diplomas saxonicos, em optimo estado de conservação. Disse que foram encontrados nos archivos do collegio de Winchester, e que se referiam á abbadia de Hyde, que está situada perto d'aquelle sitio.

Depois o incançavel Gunner começou a contar minucias da biblioteca do collegio sobredito, fazendo honrosa e especial menção dos livros alli depositados pelo fundador William de Wykeham. Estes livros rarissimos contêm, entre outras preciosidades, cinco copias das Escripturas sagradas, chronicas de grande valia, uma continuação do Polycronicon de Hidgen, que se attribue a William de Chester, e um Virgilio, unico auctor classico antigo que alli foi encontrado. Gunner apresentou tambem cartas, que pareciam allegoricas, e entre as quaes se notava um mappa mundi oval, cercado pelo oceano e com Jerusalem no centro. Lord Londerborough mostrou ao Instituto uma obra prima da armaria italiana, no decimo sexto seculo: era um pedaço de sella, com labores de damasco d'ouro, representando combates desenhados com rara habilidade. Outro reverendo, por nome S.

Barks causou geral admiração com um ornato de bronze, que se tinha achado no Staffordshire, juntamente com uma espada, um escudo, e um esqueleto. E com isto seentretiveram os archeologos.

Eu não o enfado mais.

Vosso criado,
JORGE THOMPSON.

O frade e o monarcha.

Ha poucos dias contámos o significativo acolhimento que Napoleão III fizera ao famoso jezuita padre Ravignan, depois que acabára de pregar o sermão da Paschoa na capella das Tulherias; um facto identico acaba de succeder entre nós, e que nobelita tanto o monarcha que o praticou, como o frade, que recebeu uma tão cordeal distincção.

O famoso orador, o padre mestre Monte-Alverne, esse homem que só elle é uma ordem, que só elle é uma epocha de eloquencia enfermou ha pouco; e parecia que o tumulto estava ja aberto para receber as venerandas reliquias de uma existencia, que nunca morrerá na memoria dos homens. O perigo da doença foi tal, que o proprio frade o reconheceu, a ponto de tomar o sagrado viatico para a longa viagem da eternidade; mas a Providencia accedeu aos votos dos amigos, dos admiradores, d'um povo que contão o illustre enfermo, como uma das suas primeiras glorias nacionaes: o padre Monte-Alverne acha-se livre de perigo imminente: bem digamos por tanto a Providencia.

Durante a perigosa enfermidade muitos corações bateram de pezar e susto, muitas vozes se ergueram ao céu para supplicar ao Senhor da vida e da morte a fim de que nos concedesse por mais tempo essa existencia preciosa; e, como já dissemos, esses votos foram ouvidos, essas preces foram benignamente deferidas.

A estes votos publicos associou-se o Imperador do Brazil, que constantemente, por um dos seus officiaes do paço, mandava informar-se do estado do veneravel frade, que, penhorado d'esta manifestação de affecto, fez um solemne voto de ser o primeiro passeio de sua convalescencia dirigido ao palacio de São Christovão.

No dia 14 ao meio dia esse frade, que ainda tem o sceptro do pulpito, tinha sahido da estreiteza da sua seila e achava-se n'um dos salões do paço imperial, em que ha annos fôra recebido pelo velho Sr. D. João VI; o monarcha saudoso e querido. O illustre mancebo que tem em suas mãos o sceptro de um grande imperio veio ao encontro do fra-

de, falhou-lhe como a um amigo, a um igual, a um superior; e condusindo-o para um gabinete particular sentou-o juncto de si; e os corações de dous amigos trasvasaram o seu amor um no outro: as letras personificadas no padre Monte-Alverne tinham obtido um triumpho: a realesa personificado no Sr. D. Pedro II tinha ratificado a veneração da geração intellectual, que considera por seu chefe a um illustre mancebo, que se não fôra monarcha, seria o primeiro academico da sua nação.

Depois d'esta significativa e honrosa vesita, o Sr. D. Pedro II mimoseou ao padre Monte-Alverne com um exemplar da *Confederação dos Tamoios*, ricamente encadernado: esse livro e a cadeira do padre Anchieta são dous monumentos que passarão como vinculo á ordem de Santo Antonio, tão illustre pelos seus oradores illustres, mas hoje no mais fundo abysmo de abatimento: sempre honrada e protegida pelos trez monarchas brasileiros, mas pouco favorecida pelos seus governos.

Se em vista dos factos as ordens religiosas, de que tantos bens podia colher a religião e o estado, ou somente o estado, tendo por base e norma a religião, se ellas disserem *já não somos o que eramos*: as ordens que tem ainda no seu seio um padre Monte-Alverne, um padre Santa Maria Amaral, um padre Sancta Cicilia Ribeiro podem afoitamente dizer, *ainda poderemos ser o que eramos, se a sociedade nos comprehender, se um governo justo nos regenerar*.

Felicitamos o padre Monte-Alverne, por mais este triumpho, que obteve, já ás beiras da sepultura: toda uma nação applaude a accção do seu monarcha. Ao monarcha, que assim honra o saber consagramos mais um voto de justa veneração: todos os nossos leitores hande por certo associarse com o seu coração a este nosso voto.

Noticias Artisticas.

— O Sr. Francisco Renato Moreaux, um dos habéis pintores que entre nós tem flôrescido, acha-se encarregado de promptificar um painel representando a familia Imperial.

Este bello trabalho, que deve apparecer ao publico, lytographado pelo Sr. Sisson, é de um bello effeito e magistralmente desenhado.

— A *Sociedade dos Artistas Nacionaes*, contratou com o Sr. Cypriano de Souza, ex-discipulo da Academia das Bellas Artes, a decoração do arco que se erige no largo do Paço, os festejos do dia 7 de Setembro.

O acolhimento que, a pesar de todos os obstáculos, se vai dando aos filhos da nossa Academia, é uma prova energica de que o publico conhece bem o valor da mocidade brasileira nos trabalhos de arte a que preside a intelligencia.

—O Sr. commendador João Caetano dos Santos remetteu no ultimo vapor um delicado presente ao Sr. conselheiro Antonio Feliciano de Castilho. Consiste elle em seis quadros, pintados a oleo pelo Sr. João Caetano Ribeiro, e representando os seis quadros do drama *Camões* escripto pelo illustre poeta e representado pelo illustre artista.

—O Sr. Quirino Antonio Vieira, está incumbido de confeccionar o baixo relevo do frontão que deve ornar o frontespicio do Cassino Fluminense.

O Sr. Quirino é um moço de talento, trabalhador activo e intelligente, que muito póde fazer n'esta occasião.

O Sr. *Luiz Rochet*, estatuário Francez, que deve modelar e fundir o nosso primeiro monumento nacional, está preparando os seus trabalhos de estudo em uma das salas da Academia das Bellas Artes.

Da illustração e pratica d'este artista, filho da moderna Athenas, muito podem aproveitar os nossos estatuários se é certa a reputação, que se lhe dá de abalizado escultor.

Noticias diversas.

—A oração do Sr. vigario Silva Guimaraes que foi pregada nas solemnes exequias celebradas na igreja de São Pedro pelo eterno repouso das almas dos sacerdotes que morreram no exercicio do seu ministerio, durante a calamitosa quadra do cholera, foi publicada em folheto, e com uma introdução pelo Sr. Raposo d' Almeida.

—Consta-nos que o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, havendo soffrido ultimamente em sua preciosa saude; e sendo aconselhado pelos medicos para fazer uma viagem tenciona voltar ao Brazil, e demorar-se algum tempo n'esta corte. Fazemos votos para que assim succeda, porque a communicação com um tal homem não póde produzir senão vantagens ao progresso da litteratura, e proveito aos litteratos que o frequentarem. O Sr. Castilho é d'um tracto muito urbano e muito accessivel: a sua conversação illustra, as suas maneiras encantam.

—No bispado de Cordova acaba de apparecer á luz os primeiros numeros de uma folha religiosa que se intitula a *Bandeira Catholica*.

—O Sr. Joaquim Romão Lobato Pires publicou um compendio de arithimetica, que se torna recommendavel pela precisão e clareza do seu systema, muito apto a ser adoptado nos collegios e escholas primarias de segundo gráo.

—O Sr. Dr. Antonio de Castro Lopes publicou um compendio de gramatica latina, applicando ao ensino d'esta lingua o systema de Robertson. A imprensa e pessoas competentes tem sido concordes em asseverar o merecimento da obra, que ainda não podemos examinar. O nome do Sr. Dr. Castro Lopes, e a sua proficiencia na materia são dois garantos para o merecimento da obra.

REVISTA THEATRAL.

Theatro Lyrico.

I.

Por mais de uma vez temos consagrado algumas linhas ao estado deploravel do theatro lyrico, por mais de uma vez temos lamentado a impericia e estonteamento da sua directoria, por mais de uma vez temos censurado a este filho prodigo o esbanjamento de cento e vinte contos, que devora á mesa lauta do orçamento; mas a nossa voz tem clamado no deserto; porque o todo artistico d'este theatro continúa a ser um monstro informe de harmonias e destemperos, a administração a ser desleal e trapaceira com o publico, e com os artistas, a subvenção do Estado a ser desperdiçada, dissipando desde o primeiro até ao ultimo real, sem proveito algum para o progresso da arte, sem satisfação alguma para o publico dilettanti.

Toda a imprensa jornalistica, a diaria, e periodica, a administrativa e litteraria tem, n'uma só voz, estigmatizado essa leiga administração, que não tem sabido tirar recursos do excellente pessoal do seu quadro artistico; mas a administração, certa da impunidade, contando com a absolvição escandalosa dos que deviam ser os primeiros a glosar as verbas de seus desperdícios, vae indo seu caminho de sordido egoismo, não se importando, nem com os protestos da imprensa; porque, na sua linguagem de são quem são, não se deve fazer caso dos periodicos.

É mais um protesto infructifero o que vamos escrever. De antemão contamos que não hão de ser attendidas as nossas considerações, nem pela directoria para arripiar carreira, nem pelo governo para providenciar os escandalos, mas vigiar e clamar é a obrigação da sentinella que vê o perigo imminente.

O assumpto d'este primeiro artigo será considerar a impropriedade da casa, do logar em que ella está, e do perigo que a ameaça.

Todos sabem a historia do theatro provisorio. A sua existencia legal era de tres annos, e por isso a edificação foi calculada n'este sentido: mas já lá vão cinco annos: o provisorio tornou-se definitivo, e ahi nos está ameaçando com uma existencia como a das piramides do Egypto. Esse casarão surdiu das areias do Campo da Acclamação para satisfazer a uma febre lyrica, que se tinha apoderado do espirito publico: como a febre deveria passar, mas não: — tornou-se chronica a sua existencia. Só como casa provisoria é que poderia tolerar-se esse barracão acachapado, informe, de janellas esguias e mal repartidas, e com decorações barbaras e vergonhosas, nunca como um edificio permanente. Quando o architecto abriu os alicerces do provisorio devia igualmente abrir os do theatro permanente. Quando se começou a argamassar o primeiro tijolo d'aquelle devia tambem lavrar-se a primeira cantaria d'este: quando se queimava a telha do primeiro devia polir-se a ardósia do segundo. Assim devêra ser para que ao estrangeiro, quando menoscabasse a casa provisoria da arte, nós lhe apontassemos para o edificio grandioso, que a geração presente ia legar ás gerações futuras. As cousas grandes, ou se devem fazer assim, ou não se fazem; e se um homem, um artista, sem outro patrimonio, além do seu genio e da consideração publica o tem feito, como não podiam fazer outro tanto esses Cressos, que então se alardeavam, esses homens prestigiosos nas altas posições sociaes, esse governo, que tem protegido o barracão provisorio, que tem lançado agoa benta nos actos d'esta ou d'aquella outra administração?

Foi pois uma idéa febricitante a que presidio á edificação do theatro provisorio; como depois da excitação da febre vem o langor da doença, assim o theatro lyrico acha-se physica e moralmente abysmado n'uma languidez, que se assemelha á morte. O seu todo é repugnante, repelente, hydiando até. A sua solidez é duvidosa, é talvez ameaçador o seu estado. Concedemos que os pilares estejam bem assentes, e que inspirem confiança, não assim os pannos de tijolo entre um e

outro pilar, porque esses pannos não podiam acunhar-se, isto é, ligar-se com solidez, por não ser isso compativel com o systema de paredes, adoptado para uma edificação provisoria; e cuja primeira e essencial recommendação era ser barata e prompta.

O ultimo remonte que se effectuou, e que os apologistas da *permanencia do provisorio* exibem a cada passo, é em nosso entender mais um motivo de perigo para o provavel desmoronamento do theatro. Essa mole immensa de pezado madeiramento, essas monstruosas thesouras são mais um abysmo junto a outro abysmo: carecia estudar-se se o remonte do tecto não prejudica a solidez dos alicerces, se a emenda não é peor que o soneto.

A collocação do edificio é sem duvida a mais desastrada, ainda mesmo para uma breve interinidade. Segundo os nossos habitos, e se attendermos ao pessoal, que frequenta o theatro, a localidade para satisfazer ao publico não deve passar da Praça da Constituição. O theatro de São Pedro e o de São Francisco tornam-se recommendaveis por esta circumstancia; e o proprio Provisorio podia escolher um logar mais asado, mais central, no fóco da população commercial, que é quem especialmente alimenta os espectaculos.

Mas suppondo decidida a necessidade de ser no Campo da Acclamação, ainda assim a collocação do edificio foi infeliz. Ainda mesmo que a interinidade fôra de um anno, devia attender-se ás regras e ás conveniencias da semetria. Se não conviesse a edificação, bem no centro do vasto parallelogrammo, podia escolher-se o centro de um dos lados, levantar ahi a barraca, e não escolher um logar, ao acaso, para uma edificação aleijada, e sem effeito para o bello da arte ou da architectura, ainda mesmo n'uma das suas ordens a mais simples.

É pois a primeira necessidade da capital ter um theatro lyrico, digno de receber os artistas famosos que nos estão a visitar: aliás dir-se-ha que queremos ter os sanctos sem igrejas para os recolher e adorar.

O que terá dito o famoso tenor, que tem visto naufragar o seu arrebatador *dó do peito* por essas vigas opacas de um tecto ainda mais opaco? E' desanimador ter de considerar estes e factos semilhantes, que nos atrazam annos na senda da arte, e que compromettem o futuro d'essa mesma arte.

Urge que quanto antes se cuide da edificação de um theatro, se é que não convier harmonisar a opera e o drama no theatro de São Pedro, que está a surgir como por encanto das cinzas, que parece ainda hontem fumegavam.

Não seremos indiscriptos aventurando idéas, que possam ir de encontro aos interesses da arte dramatica, que deve ter seu theatro proprio : nem tão pouco aos planos de um artista que todo se tem sacrificado á arte ; e que, a poder de mil tribulações e sacrificios, vae dotar a capital com um theatro, como a todo o Brasil tem dotado o genio do artista dramatico por excellencia.

N'um dos subsequentes artigos voltaremos a este topico. No immediato entraremos no theatro Provisorio, e á luz baça e mortíça d'essas velas economicas contemplaremos o todo artistico do pessoal cantante, buscaremos copiar esses pannos velhos, confrontaremos as notas estridentes da Dejean, o canto apaixonado da La Grua, a poesia musical do Tamberlick, com os grunhidos do côro feminino, com os desconchavos do côro masculino ; e sobre tudo notaremos essa escolha do repertorio, que faz honra á intelligencia e pericia da administração.

F. A.

VARIEDADES.

Soffrimento e Resignação.

Viver longe de ti é no deserto
Passar sozinho e triste a vida inteira,
Sentir um fogo eterno n'alma accezo
E a esp'rança de amor passar ligeira.

Viver longe de ti é já na vida
Sentir da morte a regelada mão,
— E' viver a sonhar mentido gozo
E no seio morrer-me o coração.

Viver longe de ti, é no degredo
Não vêr sequer distante a liberdade,
— E' ter á flor dos labios um sorriso
E do peito no fundo uma saudade !

— E eu tão só, de ti auzente amando
Vejo a fronte impallidecer rugosa,
— Perco as illusões que m'embebião
E minha alma sem ti vive chorosa...

— Tão só, de ti distante, n'este exilio
Meus louros de poeta vou perdendo,
Sem ti que me embalavas nos meus somnos,
N'aurora do meu dia vou morrendo.

Morrer tão cedo !... quando a vida é ouro
Que ao sol da primavera se abrilhanta ? !..
Morrer !.. quando nas veias inda ferve
O sangue que a saudade não quebranta ? !

Morrer ! ? sim, morrerei talvez bem cedo
Ainda na manhã d'esta existencia !
Mas quando abrir-se a campa tenebrosa
No teu collo acharei meiga innocencia !

E o teu amor febril e luminoso
Que n'auzencia cruel não teve fim,
Rodeado de crença e fé mais santa
Aos pés de Deus esperará por mim.

B. DA S.

LIÇÃO AOS ATHEUS.

Ha já alguns annos que succedeu o facto que vamos expôr, mas que vamos reproduzir porque infelizmente elle póde ainda ser applicado a alguns jovens que se acham pcessos do espirito da incredulidade.

Um mancebo foi enviado por sua familia a Pariz para aperfeiçoar os seus estudos ; e, como succede a outros muitos, teve a desgraça de travar amizade com moços dissolutos, deixar-se seduzir por seus discursos de impiedade, e esquecer as sanctas maximas de religião, que sua desvelada mãe lhe havia enoculado n'alma.

A sua depravação de coração chegou ao ponto de vociferar ; *não existe Deos : Deos não é mais do que uma palavra sem significação.* É sempre assim que começa a incredulidade : é sempre assim que essa terrivel lepra definha e mata todos os santos affectos da alma.

Depois d'algun tempo o nosso philosopho da moda voltou para o seio de sua familia ; e foi logo convidado para fazer parte d'uma grande reunião que se dava em casa de uma familia respeitavel.

Em quanto que toda a companhia se entretinha já conversando, já tomando parte nos prazeres da festa, já jogando, já entregando-se ás diverções de ocasiões semelhantes, duas galantes meninas de doze a treze annos estavam a ler no vão de uma janella. O moço impio aproximou-se d'ellas e dirigindo-lhe a palavra lhes perguntou :

— Que romance estão a ler, minhas senhoras ?

— Nós não costumamos ler romances.

— Então que livro feiticeiro é esse que tanto as atrahе ?

— Nós estamos lendo a *Historia do Povo de Deos.*

— A historia do povo de Deos !... Pois as senhoras acreditam que ha Deos ?

Admiradas e surpresas de tão estranha pergunta olharam-se uma á outra com o rubor nas suas mimosas faces : e passada a primeira impressão atreveu-se a mais velha a perguntar :

— E vós, cavalheiro, não acreditaes na existencia de Deos ?

— N'algum tempo eu acreditava que sim, mas desde que estudei em Pariz a philosophia, as mathematicas e a politica convenci-me e desenganei-me que Deos não é mais do que uma palavra.

— Pois eu, cavalheiro, não tenho estado em Pariz, não estudei philosophia nem mathematicas, nem essas outras sciencias que sabeis: sei apenas o cathecismo; mas aposto que não sois capaz, vós que sabeis que não existe Deos, de dizer-me de onde proveio o ovo?

A bella interlocutora disse estas palavras em voz alta, como para convidar a attenção da companhia. Algumas pessoas se aproximaram logo, curiosas de saber do que se tratava: mais outras se foram reunindo, de sorte que o vão da janella era o theatro onde se ia representar uma scena curiosa.

— Sim, cavalheiro, repetiu a donzella, pois sabeis que não ha Deos, dizei-nos d'onde nasce um ovo?

— Curiosa pergunta! ... nasce da gallinha.

— E d'onde nasce a gallinha?

— Todos nós sabemos que nasce do ovo.

— Muito bem. Mas qual existio primeiro, o ovo ou a gallinha?

— Não percebo o que quereis concluir com os vossos óvos e com as vossas gallinhas; mas em fim dir-vos-hei que a gallinha existio primeiro.

— Ha por tanto uma gallinha que não nasceu de um ovo.

— Ah! eu estava distraído: o ovo é que existia primeiramente.

— Ha por tanto um ovo, que não nasceu d'uma gallinha: explicai isto, cavalheiro.

— Ah!... sim... deixai-me reflectir... eu já respondendo... eu já vejo...

— O que eu vejo é que ignorais qual das duas cousas existio primeiramente, se a gallinha se o ovo.

— Ora!... respondo que é a gallinha.

— Muito bem: logo ha uma gallinha que não nasceu d'um ovo: dizei-me agora quem foi que creou essa primeira gallinha, de que ao depois nasceram os ovos e as gallinhas?

— Ora fallais tanto em ovos e gallinhas que pareceis ser a dona de uma pateo de gallinhas.

— Perdão, senhor. Pedi-vos que me dissesseis sómente d'onde tinha vindo a mãe dos ovos e das gallinhas, e não m'o sabeis dizer; permitti-me pois que vol-o diga, eu que apenas sei o cathecismo, a vós, que estudastes philosophia, mathematicas, e a politica. O que creou a primeira gallinha, ou o primeiro ovo, como melhor quizerdes,

foi o mesmo que creou o mundo, e a esse ser creador chamamos Deos. Não podeis, sem Deos, explicar a existencia de uma gallinha ou de um ovo; e pretendeis sem Deos explicar a existencia do universo!

Todos desataram em applausos á interessante menina e n'uma gargalhada ao moço, presumido de espirito forte. Envergonhado por esta derrota, e completamente confuso, teve ainda o bom senso de furtivamente agarrar o seu chapeo, e sahir daquelle lugar onde ia a principio buscar lá, mas que por fim sahio tosquiado.

VERDADES VELHAS.

Dizia o padre Antonio Vieira que toda a fortuna de um homem da corte consistia em saber adular, mentir, furtar e repartir.

Introduzirão uma vez á presença do imperador um calligrapho que offereceo a S. Magestade um desenho feito a penna, representando a aguia d'Austria, armas do imperio. O imperador admirou o trabalho; mas a sua admiração augmentou quando por meio de um microscopio descobriu que todas as linhas do desenho, até as mais finas estavam compostas de palavras formando sentenças. Mandou lel-as, mas seu semblante tornou-se mais e mais carregado, em quanto o artista procedeo na leitura tudo erão frases lisongeiras que em estylo hyperbolico fallavam das virtudes e qualidades do imperador.

Parai, disse elle finalmente, *tomai esta gratificação, pois sois um admiravel calligrapho; porem sabe que eu vos fizera presente muito mais rico, se o habil artista não tivesse figurado de vil adulator.*

NOVA DESCOBERTA.

Ha dias que se falla muito em Hespanha na feliz descoberta de M. e Mademoiselle Gaillard, que levaram a Madrid o segredo do seu engenhoso processo.

A papyroleographia, ou arte de pintura a oleo sem saber desenhar, em seis lições praticas d'uma maneira que faz maravilhar o olho mais exercitado; tal é a preciosa invenção que tiveram M. e Mademoiselle Gaillard, depois de infatigaveis experiencias e longos ensaios. Toda Barcelona e Valencia puderam convencer-se que os resultados d'este methodo são maravilhosos; com effeito o que luctara em vão por espaço d'annos, para chegar a fazer um modesto quadro de pintura, produz hoje ao fim de seis lições, e graças a estes artistas, obras primas inapreciaveis, que excedem á expectativa de seus discipulos os mais exigentes.

Enigma Typographico.

ANTTQKZZVUGFAZZ

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.